USINA DE CONHECIMENTO

OFICINA - LER E COMPREENDER LINGUAGENS

PROPOSTA DE TRABALHO[1]

Conteúdos básicos: leitura, oralidade, escrita.

TEMA - Ler e compreender linguagens.

Objetivo

- Ampliar o conhecimento de si e interpessoal, identificando-se pela leitura de fotografias.
- Compreender que ler supõe o domínio e interação de linguagens.
- Apropriar-se da leitura como uma forma possível de exercício de autoconhecimento e análise das relações sociais, fotografia.
- Perceber a estrutura do texto e o efeito de sentido provocado pela sua composição.
- Perceber o registro do cotidiano por meio da pintura e da palavra.
- Reconhecer os diferentes gêneros textuais e seus elementos composicionais (estrutura).
- Reconhecer a relação entre o texto verbal e não verbal.

Materiais

- Cópias de fotografias em preto e branco de personagens que não sejam conhecidas.
- Cópias para todos os alunos das pinturas “Crianças Brincando”, “Meninos Soltando Pipas” e fragmentos da poesia de Portinari “O menino e o povoado”.
- Cópias do “Autorretrato” de Portinari, do “Poema para Candido Portinari em sua morte cheia de azuis e rosas” de Vinicius de Moraes e “A Mão” de Carlos Drummond de Andrade.
- Cópias da Crônica “Barata” de Carlos Drummond de Andrade.
- Cópias do texto “PROTINARI por PORTINARI?”

Organização Didática

1º Momento

- **Ler: compreender linguagens**

Dinâmica: como eu me vejo/como eu sou/ como me veem

A. Espalhar fotografias pelo chão e convidar os alunos para circularem em volta das figuras fazendo com que cada um se fixe numa delas, a qual tenha algo com que se **identifique.**

B. Definida a fotografia, cada pessoa pega a sua foto e volta ao seu lugar de origem. Depois cada aluno falará sobre a sua escolha espontaneamente, sobre como a fotografia se identifica com ele. “**Eu me identifico com esta foto porque eu me vejo/ porque eu sou...”**

Os fotógrafos são narradores visuais, que mergulham na vida de seus personagens para narrá-la com suas próprias marcas em um: conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história.

A Fotografia no cotidiano e na vida

A fotografia pode ser utilizada no processo de investigação do cotidiano de nossos estudantes, a fim de que mediante as imagens obtidas da escola, da família, da vizinhança, da cidade e das coisas que os cercam, eles sejam orientados, através de uma metodologia específica, para análise e estudo desses "momentos documentados" e suas correlações históricas, sociais, geográficas, étnicas e econômicas; na educação, a simples disponibilidade do aparato tecnológico não significa facilitar o processo ensino-aprendizagem. É preciso que o professor alie os recursos tecnológicos com os seus conhecimentos e estratégias de ensino, visando alcançar um objetivo: o conhecimento real da imagem fornecida através da fotografia.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Fotografia

2º Momento

- **Ler: um pintor que escreve versos**

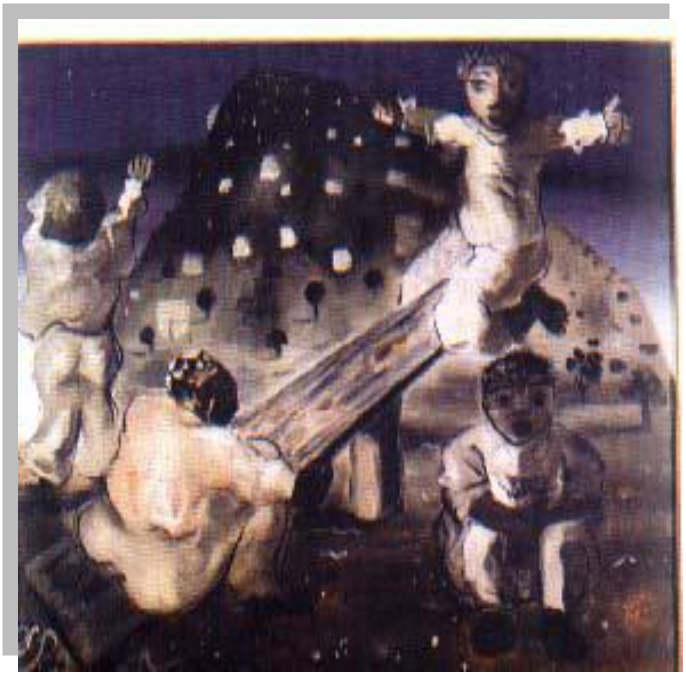
A. Formar cinco grupos.

[1] Essa sequência didática foi adaptada do CADERNO PEDAGÓGICO: LER E COMPREENDER O MUNDO. Viagem Nestlé Pela Literatura, 2004.

- Observação: esse material didático não é disponibilizado para os professores nas escolas, então resolvemos dividir com vocês como uma sugestão a mais para as aulas .

B. Distribuir cópias para todos os alunos das pinturas “Crianças Brincando”, “Meninos Soltando Pipas” e fragmentos da poesia de Portinari “O menino e o povoado[2]” (uma colorida por grupo).
C. Pedir para os alunos que observem os quadros apontando detalhes: as cores que predominam, o que as imagens representam, que tipo de movimento as personagens demonstram, os contrastes, a paisagem.
D. Solicitar aos alunos que leiam os poemas escritos por Portinari e comparem os textos com os quadros, observando o que, na imagem, pode representar o que os poemas expressam: a brincadeira, a leveza conferida às crianças, a atmosfera de recordação...





[...]
Não tínhamos nenhum brinquedo
Comprado. Fabricamos
Nossos papagaios, piões,
Diabolô.
A noite de mãos livres e
pés ligeiros era: pique, barra-
manteiga, cruzado.
Certas noites de céu estrelado
E lua, ficávamos deitados na
Grama da igreja de olhos presos
Por fios luminosos vindos do céu
era jogo de
Encantamento. No silêncio podíamos
Perceber o menor ruído
Hora do deslocamento dos
Pequenos lumes... Onde andam
Aqueles meninos, e aquele
Céu luminoso e de festa?
Os medos desapareciam

Sem nada dizer nos recolhíamos
Tranquilos...

[...]

Poucos são aqueles a quem falo
e muitos me procuram
por nada. Se tivesse
continuando a soltar papagaio

Seria livre como as andorinhas
Não entenderia os homens
Teria pena deles e de mim
Saberia a vida do vento

E a época dos vaga-lumes
Com as suas lanterninhas.
Saberia as idades
Das nuvens e os dias de arco-íris.

[2] POEMAS DE CÂNDIDO PORTINARI: O menino e o povoado; Aparições; A Revolta, Uma prece. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1964.

E. Pedir para os alunos que leiam em voz alta as passagens dos textos que melhor representam o que está expresso nos quadros.
F. Estimular uma conversa sobre a versatilidade do artista, sua sensibilidade para perceber e registrar o cotidiano, tanto por meio da pintura, quanto da palavra.
G. Pedir para que os alunos façam uma apreciação geral e comentem qual das representações – verbal ou visual – impressionou mais.
H. Explicitar o que é um texto verbal e não verbal.

3º Momento

Ler: um pintor e dois poetas

A. Distribuir cópias do "**Autorretrato**" de Portinari, do " **Poema para Candinho Portinari em sua morte cheia de azuis e rosas**" de Vinícius de Moraes e da poesia **"A Mão"** de Carlos Drummond de Andrade (uma colorida por grupo).
B. Pedir que observem o quadro **Autorretrato**, de Portinari e façam uma apreciação: como percebem que o pintor **"se vê"** – tranquilo, angustiado, sóbrio, alegre, indiferente...
C. Pedir que leiam os poemas de Carlos Drummond de Andrade e de Vinicius de Moraes: como o pintor "**é visto"** por outros artistas, qual a visão de Drummond e Vinicius.
D. Conversar sobre a versatilidade dos poetas que leem a obra visual de Portinari, para poderem expressar verbalmente suas sensações.
E. Apresentar Candido Portinari por Portinari.



TEXTO VERBAL E NÃO VERBAL

"Se pesquisarmos a etimologia da palavra texto, veremos que ela está relacionada com o ato de tecer, entrelaçar, construir sobrepondo. Texto, portanto, é da mesma família das palavras como textura, tecido, tessitura. Mas, afinal, de que é constituído um texto? Será apenas de palavra?" (CEREJA, 2009,p.12)

Como vimos, um texto pode ser constituído apenas de linguagem verbal, como ocorre com a notícia, a carta ou a anedota; nesse caso, ele e chamado de **texto verbal**. Também pode ser constituído de linguagem visual, como a fotografia e a pintura; ou de linguagem musical, como uma musica; ou da linguagem da dança, como um espetáculo de balé. Nesses casos, ele e chamado de **texto não verbal**. E pode, ainda, ser constituído pelo cruzamento de mais de uma linguagem, como, por exemplo, das linguagens verbal e visual, como os gráficos, as histórias em quadrinhos, o cinema; ou das linguagens verbal e musical, como a canção. Nesses casos, temos os **textos em linguagem mista.**

O produto final de toda enunciação, feita em que linguagem for, e chamado de texto. Assim, são textos: um gráfico, um cartum, uma pintura, uma melodia, um poema, um filme, uma escultura, etc. Em muitos casos, dependendo da situação, ate mesmo o silêncio pode ser considerado um texto.(CEREJA,2009,p. 14)

CEREJA, William;COCHAR,Thereza; CLETO,Ciley. Interpretação de textos: construindo competências e habilidades em leitura. São

Poema para Candinho Portinari em sua morte cheia de azuis e rosas

Lá vai Candinho!
Pra onde ele vai?
Vai pra Brodóvski
Buscar seu pai.

Lá vai Candinho!
Pra onde ele foi?
Foi pra Brodóvski
Juntar seu boi.

Lá vai Candinho!
Com seu topete!
Vai pra Brodóvski
Pintar o sete.

Lá vai Candinho
Tirando rima
Vai manquitando
Ladeira acima.

Eh! Eh, Candinho!
Muita saudade
Para Zé Cláudio
Mário de Andrade.

Se vir Ovalle
Se vir Zé Lins
Fale, Candinho
Que eu sou feliz.

Ouviu, Candinho?
– Diabo de homem mais surdo...

MORAES, Vinicius de. Poema para Candinho Portinari em sua morte cheia de azuis e rosas. In: CÍCERO, Antônio; FERRAZ, Eucanaã. (Org.) **Antologia Poética de Vinicius de Moraes.** São Paulo, Cia da Letras, Editora Schwarcz Ltda., 2003, p. 223.

A MÃO

Entre o cafezal e o sonho
O garoto pinta uma estrela dourada
na parede da capela,
e nada mais resiste à mão pintora.
A mão cresce e pinta
o que não é para ser pintado mas sofrido.
A mão está sempre compondo
módul-murmurando
o que escapou à fadiga da Criação
e revê ensaios de formas
e corrige o oblíquo pelo aéreo
e semeia margaridinhas de bem-querer no baú dos vencidos
A mão cresce mais e faz
do mundo-como-se-repete o mundo que telequeremos .
A mão sabe a cor da cor
e com ela veste o nu e o invisível.
Tudo tem explicação porque tudo tem (nova) cor.
Tudo existe porque foi pintado à feição de laranja mágica
não para aplacar a sede dos companheiros,
principalmente para aguçá-la
até o limite do sentimento da terra domicílio do homem.

Entre o sonho e o cafezal
entre guerra e paz
entre mártires, ofendidos,
músicos, jangadas, pandorgas,
entre os roceiros mecanizados de Israel,
a memória de Giotto e o aroma primeiro do Brasil
entre o amor e o ofício
eis que a mão decide:
Todos os meninos, ainda os mais desgraçados,
sejam vertiginosamente felizes
como feliz é o retrato
múltiplo verde-róseo em duas gerações
da criança que balança como flor no cosmo
e torna humilde, serviçal e doméstica a mão excedente
em seu poder de encantação.

Agora há uma verdade sem angústia
mesmo no estar-angustiado.
O que era dor é flor, conhecimento
plástico do mundo.
E por assim haver disposto o essencial,
deixando o resto aos doutores de Bizâncio,
bruscamente se cala
e voa para nunca-mais
a mão infinita
a mão-de-olhos-azuis de Candido Portinari.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Mão. In: _____. **Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa.** Rio de



Brodówski, 1942/Portinari

PORTINARI POR PORTINARI

Nasci numa fazenda de café. Meus pais trabalhavam na terra. Não tenho nenhuma lembrança dali. Mudaram-se da fazenda Santa Rosa para a estação de Brodósqui - onde não havia ainda povoado; eu devia ter dois anos de idade. No novo local viviam com meus pais minha avó paterna, um tio e uma tia, ambos, irmãos de meu pal. Lembro-me vagamente da casa e do armazém; havia um quarto cheio de melancias e de caixas de vinho do Porto. Estas caixas vinham sempre com surpresas. Grande foi minha alegria quando numa velo um pequeno canivete com o cabo de madrepérola. Morávamos atrás da Igreja de Santo Antonio, que era a Matriz. Havia multa festa com banda de música. [...]

Na aula, o professor mandava que desenhasse não importava o quê e fizesse a descrição. Desenhei um leão e o desenho foi comentado pelos professores e pelos alunos. Não me deixaram mais em paz, tive que desenhar a capa das provas a serem expostas no fim do ano. [...]

Nossos brinquedos eram variados, conforme o mês, e também havia os para o dia e os para a noite. Para o dia eram: gude, pião, arco, avião, papagaio, diabolô, bilboquê, ioiô, balão, malha e futebol. Para a noite: pique, barra-manteiga, pulando carniça, etc. Havia também as histórias de Dona Iria, senhora portuguesa, mãe de muitos filhos e muito boa pessoa; à noite, sentados no chão ao seu redor, ficávamos atentos, ouvindo as histórias: Roberto do Diabo, Roldão, Carlos Magno, reis, príncipe e princesas. Que lindas eram as suas histórias e que bom era esse tempo. Começávamos a abrir os olhos para a vida e uma vida povoada de sonhos, cansaço, grandes medos. Durante o dia, contavam-se historias de lobisomem, mula-sem-cabeça, saci-pererê e almas do outro mundo. À noite, quando estávamos deitados, qualquer barulho nos apavorava. [...]

Por esse tempo vinha circo de cavalinho com o palhaço Tôni, equilibristas e acrobatas e os "araras". Aqui também nos sonhos nos transportávamos para outras regiões. Todos nos apaixonados pela trapezista. O palhaço fazia o reclame montado ao contrario em um animal velho e moroso, pintado e vestido como nas funções; percorria o povoado com a criançada acompanhando e respondendo ao anúncio que fazia:"O palhaço o que e?" Resposta: "Ladrão de muié." "Olha o negro no portão." Resposta: "Tem cara de tição" ...e por ai afora. Fazia um giro em todo o povoado e na volta fazia uma cruz na testa dos meninos. Essa marca lhes dava o direito de entrada. Os menores assim que eram marcados saíam na carreira - os mais velhos, de maldade, procuravam apagar a cruz. [...]

Impressionavam-me os pés dos trabalhadores das fazendas de café. Pés disformes. Pés que podem contar uma história. Confundiam-se com as pedras e os espinhos. Pés semelhantes aos mapas: com montes e vales, vincos como rios. Quantas vezes, nas festas e bailes, no terreiro, que era oitenta senti metros mais alto do que o chão, os pés ficavam expostos e era divertimento de muitos apagar a brasa do cigarro nas brechas dos calcanhares sem que a pessoa sentisse. Pés sofridos com muitos e muitos quilômetros de marcha. Pés que só os santos têm. Sobre a terra, difícil era distingui-los. Os pés e a terra tinham a mesma moldagem variada. Raros tinham dez dedos, pelo menos dez unhas. Pés que inspiravam piedade e respeito. Agarrados ao solo, eram como os alicerces, muitas vezes suportavam apenas um corpo franzino e doente. Pés cheios de nós que expressavam alguma coisa de força, terríveis e pacientes.
[...]

Gostava de olhar as plantações bem tratadas e limpas. Havia ondulações do terreno e de longe parecia mapa. Às vezes o espantalho estava presente e quando era requintado, a cabeça era de cabaça, furavam o lugar dos olhos, nariz, boca; colocavam vela e a noite acendiam. Gostava também de espiar os casamentos. Muitos, depois de terminada a cerimônia, voltavam para as fazendas de trole e parentes e amigos também de trole ou a cavalo. Dali ate chegarem, soltavam foguetes; lá chegando, o povaréu da redondeza já estava festejando, muita comida, muita bebida e baile puxado à sanfona: ia até de manhã. [...]

Quando se apresentou ocasião de ir ao Rio, passei noites e noites em vigília, lutando com a indecisão - pena em deixar meus pais e meus irmãos. Quanto mais próxima a partida, mais aflito ficava. Olhava o chão, as plantas, os animais, as aves e aquela luz... Parecia que nunca mais iria ver tudo aquilo que era parte de mim mesmo. Quantas lágrimas derramei às escondidas. Vi e revi mil vezes todos os recantos. Saudade incontida do que ficava. Ate os forasteiros que passavam, eu os sentia como irmãos. Dava-me pena deixá-los. [...] A última imagem que me ficou gravada na memória foi a de meu pai; levantara-se para se despedir, ainda posso vê-lo: de capote escuro, atravessando o largo da estação. Não teve tempo de me dizer nada...

CANDIDO PORTINARI, "Retalhos de minha vida de infância", Paris, setembro de 1958.

Organização Neusa Moro

4º Momento

Ler: um diálogo pintura e crônica

A. Distribuir cópias da pintura "**Natureza-morta com Moringa**" de Portinari e da crônica **"Barata"** de Carlos Drummond de Andrade (uma colorida por grupo).

B. Pedir para que os alunos leiam silenciosamente a crônica "**Barata"** de Carlos Drummond de Andrade.

C. Sugerir uma leitura coletiva em voz alta com expressividade, dar um tempo para que os alunos que dispuseram ler em voz alta se preparem, (**não esqueça a primeira leitura em voz alta é do professor, portanto, leia antes várias vezes).**

D. Deixar que os alunos comentem as sensações produzidas pelo texto.

E. Dirigir os alunos para a observação atenta do quadro "**Natureza – morta com Moringa**".

F. Comentar a expressão **"natureza–mota",** bastante utilizada em pinturas, e explicar o significado: representação de objetos inanimados.

G. Discutir o que a arte representa para a **eternização** dos momentos flagrados pelo artista, para a **eternização** das diversas formas de expressão que o ser humano criou.



Barata[3]

Aberto o envelope, susto: a barata dentro dele, imóvel, expectante, sobre o cartão!

Quem foi que teve ideia dessa brincadeira repulsiva? E como conseguiu que passasse pelo Correio sem esmagar a barata? Porque ela esta viva, vivinha da silva & santos. Não se mexe e de sabida.

- Joga fora essa imundície! Ou antes, não jogue...

Esta e uma barata de lei, com cerca de 150 anos de existência. Criação verista de Debret, sua reprodução da capa do convite para a exposição de inéditos do artista e de tal modo convincente que engana qualquer um.

Ou não engana, é a barata mesmo, e mesma. As outras, que circulam entre farelos e sombras, têm existência miseravelmente curta. Desprezadas e combatidas, que ninguém quer saber de barata em casa. Mas se foi Debret que a viu, assuntou, desenhou, coloriu, vale uma nota firme, e a esta hora está alegrando a vista do colecionador que a comprou do marchand Luis Buarque de Holanda:

- Barata linda!
- Amor de barata?
- Que barato de barata?

E a baratinha, iaiá, a baratinha, ioiô, está se rindo por dentro, se é que barata ri, por dentro ou por fora, da varia fortuna dos seres (e das coisas) no plano real e no plano ideal. Barata ao vivo é nojenta, chinele-se a bicha. Barata pintada é arte. Maçã na casa de frutas, ferra-se o dente ou açucara-se em torta, vita brevis, e não se fala mais nisso. A maçã de Cézanne, mas para que a maçã? As cebolas de Cézanne, e mais a garrafa

[3] ANDRADE, Carlos Drummond de. Barata. In: _____. De Notícias e Não-notícias faz-se a Crônica. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

de rouge, o copo com vinho pela metade, a rolha, a faca, a toalha embolada, em Nature Morte aux Oignons, refutam o princípio de destruição inevitável das formas, pelo menos enquanto o quadro existir

Ideia velha, barata nova. Debret foi mais documentarista do que criador, mas nem por isso sua barata é menos criação. Porque Debret pegou do bicho imundo e disse:

- Agora vou te dar vida longa, maior que a minha, vou te representar. Representar é ser outra vez, e mais. Tudo quanto posso fazer por mim, e por nós, e fazer-te e fazer-me. Representando-me, e aos objetos e cenas a que assisto (coroação, feira, inseto), asseguro a tudo a mais-valia de uma vida suplementar, que se chama vida das figuras, das aparências, que são mais do que as essências, pois estas se evolam, e aquelas persistem. Entendeste?

- Não - baratifalou a barata.

Nem era para entender: conversa de pintor ou de grafômano com o mundo em redor não tem sentido não, pois ele pergunta e ele mesmo responde, ou prossegue:

- Pensando melhor, a essência está na aparência, que nos propicia o conhecimento imediato do cosmo. O resto é imaginação ou confirmação. És habitante vil de um planeta confuso, que adotou padrões de classificação baseados em nada. Vil por quê? Por que assim te rotularam? Que achas das criaturas que te rotularam, ó barata minha?

A barata ia responder que por sua vez as achava asquerosas, mas silenciou, por medo ao chinelo, que é sempre argumento contrário às baratas, e fortíssimo. Preferível que esse cara (foi o seu raciocínio) continue a dizer bobagens e, dizendo-as, se esqueça de me aplastar. Quanto a ele me imortalizar, mesmo discretamente, isto e, por 150 ou 500 anos, pouco se me dá. Eu sou aqui e agora, minha finitude me cerca por todos os lados, e tenho que curti-la. No papel, em imagem, não da pé. Com licença, M. Debret - e escafedeu-se.

- Espera um pouco, falta só completar uma peminha!

Não sei se esperou. Sei que a representação é completa e fiel, tão fiel, tão vera, que a representação da representação, no convite, fez uma senhorita jogar fora papel e envelope, e correr para lavar as mãos:

- Ui, que horror! Uma baratona. - Calma, ela é pintada.

- E daí? Parece mais real que uma verdadeira!

O maior elogio a Debret que já ouviu.

5º Momento

Ler: domínio de diferentes linguagens

A. Pedir para os alunos que se sentem em círculos e conversem, com a mediação do professor, sobre a amplitude do universo de conhecimento dos artistas que lhes permitiu tanto **ler** a obra de outros, como criar a partir dessas **leituras** uma obra original.

B. Conversar sobre a importância da cultura e do **domínio de diferentes linguagens** para o aprimoramento da capacidade de ler das pessoas.

C. Discutir sobre a importância de ser, no mundo atual, um leitor competente, autônomo e crítico frente aos objetos que se lê.

Conversando sobre os gêneros

Gênero fotográfico

Os gêneros da fotografia são, na verdade, construções sociais que surgem de acordo com os usos e o entendimento que fazemos dela, atribuindo-lhe determinados valores e significados. Assim, é possível classificar as imagens, segundo os critérios de pertencimento que estabelecemos para elas. Alguns gêneros se estabeleceram como típicos da fotografia: o documental, o foto jornalístico, o publicitário, o experimental e o doméstico ou afetivo. Ao analisar os gêneros próprios da fotografia, torna-se possível entendê-la como uma linguagem específica. Sua prática certamente é guiada por esquemas de criação que constituem, também, a base dos critérios de categorização da imagem, que possibilita o surgimento de um determinado gênero. [...]

Esse olhar sobre a realidade do dia-a-dia nos remete também à fotografia que aqui chamamos de doméstica ou afetiva. É a fotografia realizada geralmente por amadores, que retrata a intimidade de forma convencional, constituindo os álbuns de família e os registros de férias, por exemplo. No entanto, alguns fotógrafos profissionais também voltaram seu olhar para essa realidade, abordando-a de maneira diferenciada, fazendo com que suas fotografias adquirissem, por vezes, além do valor afetivo, um valor documental. [...]

Inicialmente essas funções estavam ligadas à vida em família e aos momentos importantes da vida, como o casamento e, mais tarde, a primeira comunhão e o batismo. [...]

Hoje, o que se observa é que os usuários de internet utilizam as ferramentas disponibilizadas pelas comunidades virtuais para, nesse ambiente, criarem seus álbuns familiares, muitas vezes tornando público o que antes fazia parte apenas da esfera privada. A intimidade e os sentimentos expressos nas fotos tornam-se acessíveis a milhões novos "amigos" ou "contatos" que também se conectam à mesma rede virtual.

No caso dos bancos de imagens gratuitos e abertos à participação de qualquer fotógrafo, percebe-se que os conceitos imagéticos até então trabalhados pelos bancos tradicionais ganham outras conotações. Aí também a vivência do privado se coloca à disposição para uso inclusive comercial, alterando a estética padrão, pautada por critérios técnicos. O imperfeito e o quotidiano se mostram, assim, como novas possibilidades de visão do que antes seguia os padrões estabelecidos pelos meios de comunicação.[...][4]

Gênero pintura

Ao longo da história da arte se deu a divisão e subdivisão da linguagem da **pintura** em diversas modalidades, os chamados gêneros artísticos, maiores e menores, entre os quais o Retrato, a Paisagem, a Natureza-morta, a **Pintura** Histórica, etc. **Retrato e Autorretrato** - sempre foram tema dos pintores do passado embora na idade média os artistas pintassem mais cenas religiosas que retratos. Foi no Século XV que os retratos se tornaram um dos gêneros mais importantes da pintura. Em um retrato o artista dá destaque para a reprodução de metade do corpo, procurando também retratar um pouco da personalidade da pessoa retratada. Além da função artística os retratos serviram também como uma espécie de documento, registrando a imagem de personagens históricos, a exemplo, retratos do mundo Mona Lisa, de Leonardo da Vince. Outra preocupação dos artistas era reproduzir a própria imagem para divulgar seu trabalho e deixar registro pra a posteridade. Essas obras são denominadas autorretratos. **Natureza – Morta** é o nome de um tipo de pintura que tem como tema central objetos como flores, frutas, conchas marinhas, comidas e coisas do dia-a-dia das pessoas.

Gênero poético

Em textos literários, as palavras são combinadas de forma que fica evidente terem sido selecionadas com a finalidade de compor imagens, sugerir formas, cores, odores, sons, permitindo múltiplas sensações, leituras e interpretações. Isso e o que observamos especialmente quando lemos, ouvimos ou vemos um poema, forma de composição que se destaca também por uma espécie de melodia e de ritmo que emanam do modo como as palavras são arranjadas. **O verso e a estrofe: Verso** é uma sucessão de sílabas ou fonemas que formam uma unidade rítmica e melódica, correspondente em geral a uma linha do poema. **Estrofe ou estância** é um agrupamento de versos.

Gênero crônica

A **crônica** é um gênero textual que oscila entre a literatura e jornalismo e, antes de ser reunida em livros costuma ser veiculada em jornal ou revista. Os assuntos abordados pelas crônicas costumam ser fatos circunstanciais, situações corriqueiras do cotidiano, episódios dispersos e acidentais, como, por exemplo, um flagrante de esquina, o comportamento de uma criança ou de um adulto, um incidente doméstico, etc.

Gênero relato

No grupo gênero **relato** estão os gêneros relacionados com a memória e a experiências de vida, como memórias literárias, diários íntimos, diários de bordo, depoimentos, reportagens, relatos históricos, biografias e outros semelhantes. Nas situações de produção desses gêneros está a necessidade de contar alguma coisa que realmente ocorreu, o que torna os relatos diferentes das narrativas, que são ficcionais. O relato pessoal apresenta geralmente tempo e espaço bem marcados. Os fatos ocorrem predominantemente no tempo passado.

[4] (Disponível em < http://www.fotoclubef508.com/post.php?id=220 > Acesso em 05/11/2009.

6º MOMENTO

- **Ler: encontro da leitura e escrita**

Durante o nosso percurso de leitura verbal e não verbal, entramos em contato com diferentes gêneros textuais - visuais e escritos -, agora é a sua vez de produzir.

Visite seu álbum de fotos, escolha uma fotografia e a partir dela produza um relato pessoal
(verso ou prosa) que atenda aos objetivos abaixo:

Finalidade do gênero: relatar experiências vividas ou presenciadas.
Perfil dos interlocutores: locutor= escritor (no caso você); destinatário= público em geral.
Suporte/veículo: mural da sala de aula, livros, revistas, sites da internet.
Tema: assuntos pessoais, lembranças, memórias.
Estrutura: apresenta geralmente tempo e espaço bem marcados. Os fatos ocorrem predominantemente no tempo passado. É escrito na primeira pessoa.
Linguagem: a linguagem é pessoal, subjetiva, direta, e é usada geralmente a variedade padrão. Predomina o uso de verbos no passado.

Viajante Solitário

Não me quiseram, enjeitaram
Minhas palavras...
Serei um dos meus espantalhos?
Afugento os caminhantes?
Não, eles se afugentam. Não
Entendem a lua
Não sabem da poesia
Só não estou, mesmo não estando
Comigo. Converso com o vento e a
Tempestade.
De noite ou dia – verei as sombras
E dormirei em paz. Tenho uma
Camisa. Meu leito é embaixo das
Árvores. Tranquilo ouço o rumorejar
Das folhas secas...

CANDIDO PORTINARI